

**Construir cidadania num país de privilégios
requer reconhecermos contradições não triviais
ao enunciarmos: “isto é meu” e “isto não é meu”**

Em artigo sob o título “Construir cidadania num país de privilégios”, Maria Alice Setubal aborda um problema nacional histórico: A desigualdade de oportunidades entre brasileiros, brasileiras e estrangeiros que compromete o crescimento sustentável e o futuro do país (jornal “[Folha de São Paulo](#)”, 17SET2017, A3).

Ao citar ensinamentos do antropólogo Roberto da Matta, Maria Alice Setubal lembra que 'o anonimato associado à cidadania nos perturba; não queremos ser igual a todo mundo”.

Aqui vale novamente recordar alguns parágrafos das lições do professor da [Velha e Sempre Nova Academia](#), FÁBIO KONDER COMPARATO:

“A solidariedade

Ela é o fecho de abóbada do sistema de princípios éticos, pois complementa e aperfeiçoa a liberdade, a igualdade e a segurança. Enquanto a liberdade e a igualdade põem as pessoas umas diante das outras, a

solidariedade as reúne, todas, no seio de uma mesma comunidade. Na perspectiva da igualdade e da liberdade, cada qual reivindica o que lhe é próprio. No plano da solidariedade, todos são convocados a defender o que lhes é comum. Quanto à segurança, ela só pode realizar-se em sua plenitude quando cada qual zela pelo bem de todos e a sociedade pelo bem de cada um dos seus membros.

a) O sentido do princípio

O substantivo *solidum*, em latim, significa a totalidade de uma soma; *solidus* tem o sentido de inteiro ou completo. A solidariedade não diz respeito, portanto, a uma unidade isolada, nem a uma proporção entre duas ou mais unidades, mas à relação de todas as partes de um todo, entre si e cada uma perante o conjunto de todas elas. São de cunho solidário não só o conjunto das relações interindividuais dos cidadãos na sociedade política, e dos povos na cena internacional, mas também a relação do Estado com qualquer cidadão ou grupo de cidadãos, ou da Organização das Nações Unidas com qualquer de seus membros.

É um erro considerar que no mundo da natureza, sobretudo no mundo animal, não exista solidariedade, e que ela seja uma criação política. Muito pelo contrário, pode-se dizer que a biosfera forma naturalmente um sistema solidário, e que o rompimento desse sistema é sempre obra do homem. O próprio Darwin bem advertiu que a expressão *struggle for Existence* fora por ele usada em 'sentido amplo e metafórico, incluindo a dependência de um ser em relação ao outro, bem como incluindo (o que é mais importante) não apenas a vida do indivíduo, mas o êxito em deixar descendentes'. Os zoólogos já observaram que o processo de seleção natural deu mais vantagens biológicas aos grupos que cuidavam de seus membros não reprodutivos, do que àqueles que abandonavam ou

matavam os anciãos, pois a capacidade de reprodução global dos grupos altruístas é, assim, singularmente reforçada. Os velhos sempre constituíram um grande auxílio ao grupo, não só pelo fato de se ocuparem das crianças, liberando os demais adultos para a realização de outras tarefas, mas também pelo concurso de sua maior experiência para enfrentar as situações que põem em risco a sobrevivência do grupo.

Na visão política de Platão, o pior dos males é a desunião dos cidadãos e, correspondentemente, o maior dos bens é a constituição de uma *pólis* unida, na qual a grande maioria dos cidadãos 'enuncia em uníssono sobre o mesmo assunto, sem discordância, as expressões *isto é meu e isto não é meu*'. A verdadeira comunidade política, conclui, é como um organismo vivo, cujos diferentes membros estão intimamente ligados uns aos outros, de tal forma que, quando um deles é afetado, todo o conjunto sofre com ele.

Essa concepção platônica da unidade do Estado, como vimos, a propósito do princípio da igualdade, foi criticada por Aristóteles, que ressaltou com razão que cada cidadão – e, dizemos nós, cada grupo social no interior do Estado, ou cada povo na cena internacional – forma uma unidade própria e inconfundível com as outras. O todo da sociedade política é constituído de partes que existem, cada uma, como uma unidade completa. Na *Metafísica* (1023 b, 26 e seguintes), o filósofo distinguiu duas espécies de totalidade. Há, de um lado, aquela que abarca uma multiplicidade de entes, que formam, individualmente, uma unidade completa e distinta dos outros; tal como um rebanho ou um grupo humano. De outro lado, existem totalidades, cujas partes componentes não têm uma existência independente, como acontece com os objetos artificiais.

Na verdade, forma a unidade de um grupo de homens sempre a finalidade de seu agrupamento, como foi salientado na Introdução desta obra. Na sociedade política, a unidade maior a englobar todos os indivíduos e grupos sociais, essa finalidade última, eticamente falando, é propiciar o aperfeiçoamento constante de todos os seus componentes, segundo as qualidades próprias da pessoa humana. A solidariedade pressupõe e, ao mesmo tempo, completa os princípios da liberdade, da igualdade e da segurança.

(in [ISBN 85-359-0823-4](#), p. 577 a 579)

Ao solidariamente reconhecermos aqueles interesses e questões relacionadas nas desiguais relações sociais poderemos eventualmente chegarmos ao ponto de experimentarmos os anonimatos singulares ou coletivos: Ao ser Cidadão ou Cidadã sem perturbações em função da igualdade de direitos e obrigações (ao menos inicialmente no plano formal, e posteriormente em busca das respectivas efetividades), ou enquanto Cidadania (coletivamente), ao paraconsistentemente enunciarmos *isto é meu e isto não é meu*.

A coisa pública (*res publica*) esteve, está e estará nesse contexto e Partidos Políticos autênticos de fato e de Direito podem e devem atuar como catalisadores naquele processo social.

Carlos Perin Filho